

O DEIXAR SER DE AFFONSO MANTA

Renato Suttana¹
Departamento de Letras
UNICENTRO, Guarapuava - PR

Resumo: A poética de Affonso Manta tem sido reconhecida como uma das mais expressivas da poesia baiana dos nossos dias. Oscilando entre as temáticas do cotidiano e do sonho, refletem-se nela algumas das principais linhas de força da lírica moderna. Neste ensaio, é apresentado um estudo que busca investigar o modo como, ao abrir-se para certa indeterminação que surge do encontro entre as formas do imediato e as projeções da imaginação, tal poética se dá como um projeto de deixar ser, que traz a palavra para a intimidade ontológica das coisas.

Palavras-chave: poesia contemporânea; poesia brasileira; poética existencial; cotidiano; Affonso Manta

Abstract: The poetics of Affonso Manta is recognized as one of the most expressive in contemporary poetry of the state of Bahia. Oscillating between the thematic of daily life and dream, it reflects some of the main aspects of modern lyricism. In this work, it is presented a study that examines how such poetics, by opening up to certain indetermination that evolve from the confluence between the forms of immediacy and the projections of imagination, which happens as a project of the “let it be” that brings the words to the ontological intimacy of things.

Key-words: Contemporary poetry; Brazilian poetry; existential Poetics; daily life; Affonso Manta

¹ Doutor em Letras e professor de Literatura e Teoria Literária na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava/PR. *Home-page:* <http://br.geocities.com/rsuttana>.

Um dos poemas de Affonso Manta, intitulado *Vegetal*, termina com a idéia de que a raiz, “na terra do quintal”, sente “uma alegria vegetal, / Que não tem voz mas é feliz”.² De certo modo, isso que à primeira vista pode parecer uma recusa de compromissos com o mundo e uma opção pelo desviante e pelo que, no mundo, só pode ter uma função marginal, não esconde o fato de que há ali um olhar que não cessa de interrogar ou de tentar reatar os laços de compromisso: “Não sou pedra nem flor nem animal. / Sou homem. Com limites definidos. / Não gosto de brincar o carnaval. / Não gosto de zunzum nos meus ouvidos”. Porém reatar os compromissos é deixar-se trair existencialmente, ver-se enredado na malha do mundo, da qual a cada vez é preciso escapar: “Já cansei de ser sempre o bom pedestre. / E trancar o meu pranto na gaveta. / Já cansei do papel e da caneta. / Já cansei desta música terrestre”. Os compromissos recusados são sempre os compromissos que devolvem o homem aos limites do mundo que se pretende recusar, num movimento que pode tomar as mais diversas configurações: “Vou sair por aí de cambulhada. / Até que alguma coisa resplandeça”.

Um leitor que se depare pela primeira vez com a poesia de Affonso Manta³ poderá ter, no princípio, a impressão de que uma das respostas que o poeta dá às injunções desse movimento tem a ver com certa atitude boêmia, de cunho romântico, que não esconde a necessidade reiterada de lembrar que já se escapou aos compromissos. A esse respeito, Maria da Conceição Paranhos escreveu que “a poesia de Affonso Manta surge de uma intensa experiência lírica do mundo conduzida por um olhar de extremada acuidade para as realidades soterradas, imperceptíveis à maioria das pessoas, mesmo os poetas.” (2003, p. 18). Esse olhar aguçado que o poeta lança sobre o mundo tem, para Paranhos, qualquer coisa de imaginativo e onírico, pois sua percepção “emana de um eu dilatado, conduzido pelas ruas da cidade cotidiana e do mundo com um passo próprio aos reis com os quais se deleita a imaginação humana, particularmente a da criança, de onde irão provir imagens de uma beleza e de uma singularidade incomuns”. Com efeito, paralelamente às imagens do cotidiano (das quais são prova, por exemplo, os poemas da série *Classificados*, escritos à maneira de pequenos anúncios de jornal metrificados e rimados), surgem aqui e ali poemas como este, em que o cotidiano é substituído pelo insólito, pela imaginação de um mundo edênico e quase infantil, a projetar o sonho de uma realidade mais acolhedora:

² Todas as citações de Affonso Manta presentes neste estudo foram extraídas do livro *O retrato de um poeta*, publicado em 1983, sem numeração de páginas. Esse livro, reúne todos os poemas publicados pelo autor até aquela época, concentrando parte significativa de sua produção.

³ Affonso Manta Alves Dias nasceu em Salvador (23-8-1939) e faleceu nessa cidade em 3 de dezembro de 2003. É autor dos livros de poemas *A cidade mística* (1971), *O colibri*, *A cidade mística e outros poemas* (1980), *O retrato de um poeta* (1983), *No meio da estrada* (1991), *Canção da Rua da Poeira e outros poemas* (1994), *O falso crente*, *A princesa nua*, *O pássaro e o poeta* e *O estranho na terra* (1995). (cf. MELO, 2004, p. 19).

O REI DOS LÍRIOS

O rei dos lírios quer me ver feliz
E que eu desfrute de um prazer sem fim.
Ele me deu cem mil maravedis
E comprou um castelo para mim.

O rei dos lírios quer me nomear
Embaixador no reino do Sião
Para que eu possa lá me consolar
Do tédio que corrói meu coração.

O rei dos lírios disse que vou ser
Um nobre em sua corte sideral,
Com direito a fazer e acontecer,
Livre de tudo que me cause mal.

E vai me dar, em bom jacarandá,
Uma cama onde eu possa dormir bem
E esquecer essa angústia que em mim há.
E por todos os séculos. Amém.

Quaisquer que sejam os limites impostos pelo cotidiano – nessa massa de existência em que se corre o risco de naufragar a cada passo –, não se trata apenas, ao que parece, de compensá-los. Não existe, de modo geral, na poesia de Affonso Manta, até onde podemos pensar, qualquer sentimento de lamentação pelo mundo degradado. Antes, se também não o lamenta, o poeta assume uma atitude esquerda, de um *gauchismo* imaginativo que repõe, sempre e sempre, a integridade do eu fraturado. Esse eu dilatado de que falou Maria da Conceição Paranhos é, sobretudo, sob tal aspecto, um eu que se desviou, que se retirou do grande palco do mundo para assumir o seu papel entre as sombras, onde cada coisa, falando a sua própria linguagem (seja qual for essa linguagem), pode ser devolvida a si mesma e reencaminhada à sua intimidade de um modo mais pleno: “Eu não preciso de mestres, / De quem me ensine a lição. / Tirei de tudo na vida / Minha própria convicção”. Certa tradição de poesia *gauche*, do eu que se retira da cena principal para olhar e revisar o mundo, fazendo uso do humor e da ironia, que passa por Ribeiro Couto, Manuel Bandeira (“[...] O mundo é sem piedade e até riria / Da tua inconsolável amargura”), Carlos Drummond de Andrade ou mesmo João Cabral de Melo Neto, retorna na poesia de Manta com uma roupagem própria, que incorpora a imagem do poeta boêmio e tardiamente romântico, algo orgulhoso de seu próprio desajustamento: “Eu não pareço um poeta, / Nem faço por parecer. / Sou um poeta em verdade, / Em toda a força do ser”.

O olhar esquerdo, de quem não pode estar, nem jamais esteve, no centro dos acontecimentos, com ser o olhar de um eu dilatado – para insistirmos na idéia –, permite também que a atenção se concentre numa espécie de periferia do mundo com o

qual se busca identificação e onde se quer encontrar um lugar. Para que o *ser* se manifeste plenamente, é preciso não só que a imaginação abra caminho no universo do cotidiano, como também que esse universo se manifeste como tal, sem atavios que o mascarem, atenuem ou glorifiquem. A poesia de Affonso Manta, para além de qualquer julgamento de valor, contém um traço de banalidade que é (como talvez o seja também em Manoel de Barros) a prova dessa afirmação: “Era uma moça solteira, / De fácil camaradagem, / De alma leve, escoteira, / Sem mistura e sem bagagem”. Sem ser o centro dos acontecimentos, o eu, no entanto, jamais se desloca de si mesmo, e à sua volta vão aparecendo os indícios de que o mundo como tal só se transcende no *ser*, mas esse ser é o trivial. Neste aspecto, Manta não engana o seu leitor. Seu universo de egocêntrico amável é o universo próprio da pequena burguesia, onde o poeta parece mover-se com a intimidade de quem de lá saiu e para lá retorna sempre, como para uma origem que a linguagem do poema não dissimula:

PATRÍCIA

Ela gosta de sorvete,
Dos embalos e das festas
E do pai que é maluquinho
Por noitadas e serestas.

Ela é bonita e feliz
Como uma rosa em botão.
E tem unhas que são flores
Nos dedos de cada mão.

Ela dorme até mais tarde
Enroladinha na cama.
E só levanta assim mesmo
Quando a mamãezinha a chama.

Ela é anjo e passarinho.
Ela é menina e mulher.
O que será que ela pensa?
O que será que ela quer?

Mesmo a dimensão propriamente utópica da poesia de Manta aparece contaminada por tal estado de coisas. Seus príncipes, suas duquesas, seus condes e seus reis – que parecem nascidos do nada e que circulam ali como fantasmas deslocados no espaço de cotidianidade do mundo –, quando surgem, são surpreendidos em situações de vida ordinária que contrastam (a não ser pela eterna ociosidade em que se acham mergulhados) com a aura de exotismo que emana dos títulos nobiliárquicos. Ora, o exílio do duque Ferdinando em seu “castelo de utopia” implica passar o tempo “sonhando,

desenvolvendo / [sua] larga fantasia”, mas a declaração seguinte traz o tema para o rés-do-chão do imediato, mesmo que o clima seja de realidade inventada e devaneadora: “Passo as tardes numa rede / Olhando meus bem-te-vis / E matando a minha sede / Com uns licores de anis”. A atenção aos pormenores, típica de Manta, não chega a ser tal que obstrua o caminho da fantasia: “Minha caneta é invisível. / O papel, inexistente. / Meu esquecimento, incrível. / De forma que estou contente”. Declarações como esta podem surgir, rompendo bruscamente a atmosfera de devaneio que impregna o poema: “É um direito que me cabe / Andar cuidando de mim. / Eu sei, todo mundo sabe. / Passem bem, adeus, e fim”. Mas o devaneio, entranhado na realidade, nessa espécie de sonho acordado que torna estranho o banal e, ao mesmo tempo, torna familiar o absolutamente outro e o distante, é também aquilo que faz confundir todos os sinais. O mundo da verdade imediata é também o mundo da realidade sonhada?

Evidentemente, os atributos nobiliárquicos podem não estar bem caracterizados. Isso ocorre porque não existe, supomos, na poesia de Manta, um sentimento explícito de exaltação frente a eles, a não ser no plano mais problemático de um onirismo que ao mesmo tempo funda e, por sua característica de deslocamento em relação ao real, desgasta o reino do sonho. Esse fator de desgaste foi identificado por Simone Lopes Pontes Tavares (apud MELO, 2004, p. 20), quando detectou uma faceta algo quixotesca e chapliniana na poesia do autor: “O debique é constante”, escreve, “inclusive do eu poético, numa linguagem cinematográfica a transformar o cidadão comum em clown, misto de Quixote e Chaplin”, como o demonstram versos como estes: “Eu vivo à lei dos meus sonhos, / Meus sonhos de légua e meia, / Meus sonhos que brilham tanto / Como a luz da lua cheia”, ou as estrofes do emblemático *Lá vai Affonso Manta*, que se inicia pelos versos: “Com estrelas na testa de rapaz, / Com uma sede enorme na garganta, / Lá vai, lá vai, lá vai Affonso Manta / Pela rua lilás”. Mas há que convir que, se desses versos se desprende uma atmosfera de luminosidade folgazã, a idéia do desgarre e uma certa angústia velada espreitam no fundo, como um contraponto para as fantasias (irônicas, por certo) de onipotência e fuga:

OS SONÂMBULOS

Só os vejo aos grupos
Nas portas dos bares,
Nas frias esquinas,
Nos bancos da praça,
Armados de olhares em expectativa,
Como voluntários de alguma batalha
A favor de nada...

A opção quase unânime pela quadra em decassílabos ou redondilhas maiores como meio preponderante de expressão indica que, para Manta, a multiplicidade está em conexão com certos pontos de origem, os quais conduzem de volta a um centro comum.

Certa monotonia pode advir do afunilamento estilístico, mas a monotonia mesma serve a um princípio de honestidade existencial que prefere tudo declarar a se valer de subterfúgios: “Eu tenho firmes palavras / Que me servem de couraça / Contra as setas de veneno / Da mentira e da trapaça”. Teria Affonso Manta encontrado a forma ideal de um dizer para além de cujos limites, mesmo se lá quisesse chegar, nada de verdadeiro – e, portanto, de poético – se pode constituir? Esse princípio de honestidade da forma (que pouco teria a ver com a idéia de perfeição) conflui, no caso, com o princípio geral, que domina toda essa poesia, de uma honestidade de ser que não recua nem mesmo frente ao perigo de se tornar prosaico (uma palavra que talvez a poesia de Manta ignore) ou inconveniente: “E tenho os meus atos limpos, / Despidos de todo mal / Que causam nos inimigos / Uma derrota mortal”. Inconveniência seria, para Manta, a atitude reservada ou dissimulada, que mais esconde do que mostra, mas que só não esconde a degradação de que se origina: “Eu me sinto deslocado / Diante de certos homens frios, / Como uma flor junto de um revólver”. Quanto a isso, a plenitude (caso exista) surge de um encontro do ser consigo mesmo, com todos os riscos inerentes: um desvelamento do qual a linguagem do poema é o testemunho mais elevado.

Que tipo de plenitude se deve esperar da linguagem quando ela mesma, surgindo no mundo e a ele retornando, não pode senão exprimir o que o mundo lhe concede? Uma peculiaridade da linguagem de Affonso Manta tem a ver com aquilo que chamaríamos de uma característica ausência de atavios, de uma auto-imposição de limites que se manifesta geralmente como preferência, entre outras coisas, pelas metáforas de baixa densidade – que não impõem grandes enigmas de decifração ao leitor – e por uma sintaxe em ordem direta, sem contorções ou malabarismos gritantes, que até certo ponto rejeita os usos mais literários do barroquismo clássico. Mais próxima do uso coloquial, a linguagem do poeta se revela como sendo não só um caminho para dizer aquilo que se quer dizer, mas também como sendo ela mesma uma realização daquilo que diz, como o seu espelho mais verdadeiro. Se é justo pensar que a sintaxe de um poeta é o coração da sua linguagem, a sintaxe de Manta, que não se pode chamar sem injustiça de facilitada, procura a sua dificuldade num elemento sutil da técnica do verso, cuja prova é essa impressão de arredondamento e bom acabamento que emana de suas quadras, como se o poeta nada tivesse deixado por dizer ou como se a possibilidade do dito estivesse contida inteiramente nessas realizações: “Ela cresceu mantendo-se criança, / Devido ao coração bom e inocente, / O coração que era de Deus somente, / Cheio de caridade e de esperança”. A unidade do poema, por sua vez, assenta, não raro, numa justaposição de fragmentos bem delimitados, possibilitada pelo emprego de recursos tradicionais de composição, como a reiteração ou a anáfora, que a estrofe única do poema *Besteira* exemplifica bem: “Eu sempre faço uma besteira enorme: / Fico desperto enquanto o mundo dorme. / E eu sempre faço uma besteira imensa: / Não penso em nada do que o vulgo pensa”.

Dizer com simplicidade o mundo é abarcá-lo plenamente em linguagem. Entretanto esse dizer tem o aspecto de uma perda, uma vez que o mundo no qual se funda a linguagem é também o mundo com o qual o ser não se identifica por inteiro – do qual o

eu se desgarrar incessantemente. Os processos da arte são necessários para equilibrar, na medida do possível, certa instabilidade inerente ao eu desgarrado: o retrato do poeta é, de fato, o retrato de sua vivência como tal, isto é, como poeta, para além de qualquer veleidade autobiográfica que por acaso se insinue: “Mais do que lutei e luto / Nas horas de cada dia, / Num combate desarmado, / Não sabe a filosofia”. A poesia de Manta se afigura bastante discreta em lidar com o autobiográfico, embora, no geral, não se despeça dele, como é comum nas poéticas modernas, freqüentemente centradas em elementos de vivência pessoal. Mais do que confessional, essa poesia não se afasta do cotidiano, estabelecendo nele a sua casa e o seu campo de abrangência, sem intenção de transfigurá-lo numa língua de exceção, embora corra muitas vezes o risco de convertê-lo numa mitologia pessoal: “Quarenta anos vividos / E a mesma busca ansiosa / Do amor e da verdade / Na dura terra dos homens”. Das séries em que se divide *O retrato de um poeta*, uma das que mais impressionam é, certamente, aquela em que, utilizando-se de métrica e rima, o poeta reescreve pequenos anúncios de jornal em forma de quadras, onde a função pragmática desse gênero de mensagens se dissolve discretamente numa ambiência de sonho, como se se tratasse de breves anúncios que, mais do que convocarem para ações da vida diária, convocam para um mergulho no ser cotidiano impregnado de estranheza: “Vendemos uma linda propriedade / Com cercas, pastos, casas e armazém / Para você lucrar e viver bem, / Longe da poluição da cidade”.

Poderíamos dizer que, de modo geral, os *Classificados* produzem em relação à vida cotidiana um efeito de injetar nela a substância onírica, do mesmo modo como nas produções ligadas à poética (que denominamos de) utópica há a inserção do elemento cotidiano, numa simbiose que é própria de uma poesia que não quer se manter presa a um único campo: “Admite-se um rapaz bem educado, / Responsável, dinâmico, ambicioso, / Para venda de produto famoso. / Bom salário. Futuro assegurado”. Se os seus condes e reis passam o dia a compor versos para duquesas ou a beber vinhos e a comer mexilhões, como em “O rei está fatigado [...]” (“O rei conversa sozinho, / Conversa com os seus botões, / Bebendo taças de vinho / E comendo mexilhões”), é justo que a beleza da leitora de Henry Miller inclua, por sua vez, tanto o fato de que leia “romances de lascívia pura, / Romances de Henry Miller e outros mais, / Que primavam pela desenvoltura / Na descrição dos atos sexuais”, quanto o de que fale “com fluente formosura / De coisas complicadas e gerais”; bem como é justo que numa das seções dos *Classificados* alguém anuncie a intenção de comprar “antiguidades brasileiras, / Tudo o que for do tempo da vovó”, pagando bem “por peças rococó, / Se as peças forem mesmo verdadeiras”, e assim por diante. Para nos valermos do adjetivo de Baudelaire, diríamos que há uma beleza bizarra no cotidiano, assim como a beleza do sonho está ela mesma perpassada de cotidianidade, sendo tarefa do poeta trazê-las – beleza e cotidianidade – à luz no poema:

A MOÇA DO JARDIM MUNICIPAL

A moça do jardim municipal
Sonha com os anjos quando vai dormir.

Anjos de um outro mundo angelical,
Dos novos céus que ainda estão por vir.

Nem os balões da noite de São João,
Nem nossos presentinhos de Natal
Flutuam mais que o leve coração
Da moça do jardim municipal.

Nem uma nuvem quando o sol desperta,
Nem outra nuvem quando o sol se deita
Vagueiam de maneira mais incerta
Que os sonhos dessa náíade perfeita,

A moça do jardim municipal,
A de cabelo curto, cacheado,
A estrela do meu céu existencial,
A lua do planeta do meu lado...

Não queremos com isso insinuar que haja uma tentativa de mistificação do cotidiano na poesia de Manta, até porque a fina ironia que ressuma de seus poemas previne as mistificações. Que em alguns pontos a fidelidade à sua posição de homem do povo e cidadão comum que discorre sobre um mundo vasto demais para ser abarcado pelos códigos da vivência diária (como nos poemas sobre Freud, Marx, o Kremlin ou a Casa Branca, que correm muito aquém da complexidade de situações que esses nomes evocam) se converte num estreitamento não seria possível negar. Em outros pontos, porém, essa poesia produz um efeito de expansão, derivado talvez de sua dimensão mais imaginativa, que, conjugada a outros elementos, compensa os riscos da estreiteza. Também, a afirmação honesta de um ponto de vista próprio, de um universo próprio de visões (das coisas e do mundo), que seus poemas constituem, ajuda a reforçar a coesão de sua poética, abrindo-a para regiões da sensibilidade e da fantasia que a posição existencial do autor (e de outros poetas contemporâneos, admitamos) poderia proibi-lo de atingir. Ao se voltar para o cotidiano munido do instrumental de linguagem que viemos de descrever e aplicando a ele uma semântica de rejeição parcial e de transfiguração onírica – expressão que não seria de todo apropriada, dado que na poesia de Manta, até onde podemos pensar, o cotidiano não se transfigura a não ser na medida em que a própria utopia se converte em vivência cotidiana –, essa poética está pronta para atingir o seu ponto de maior densidade. Tanto o cotidiano como o onírico são percebidos então como um distanciamento, como um *deixar ser* que permite transparecer, no fundo, certa inércia do existente, certa qualidade imponderável da existência quando entregue a si mesma, o que justifica, por assim dizer, a honestidade do dizer honesto, mas também o apego ao imediato, o orgulho de quem vive no imediato com a consciência de uma plenitude. Pode o imediato oferecer o que dele se

espera? Podemos tirar dele alguma coisa que ele, como tal – e por ser um *aquém* destituído de espessura –, não nos entrega senão no momento em que é ultrapassado?

Ao se voltar para o elemento cotidiano e para as coisas sem estirpe que, no entanto, assombram diuturnamente os nossos sentidos e pensamentos, o poeta encontra um mundo e uma linguagem. O movimento que leva em direção às coisas está, por assim dizer, evadido de ambigüidades: ao mesmo tempo em que aproxima, em que procura fundar o núcleo de uma poética no espaço do mundo, é também um movimento de recuo, de rejeição consciente do mundo onde o eu não encontra acolhida: “Lá é um lugar que eu não visitarei. / Não quero ir lá nem se lá me adular. / Não quero ir lá nem no ato de pensar. / Me arrependi só porque já pensei”. Estabelecer-se no mundo, fazer do mundo uma casa – e uma origem – é, sem dúvida, a mais importante decisão que se pode tomar, mas é também a mais desconfortável, porquanto sobrecarrega o ser exatamente daquilo que se tentou superar ou alijar, conforme se vê nos versos de *Lá*, que interrogam: “Dizem que lá tem ruínas ao luar / E tanto luxo que Deus me valei. / Dizem que lá tem um velhote rei. / E o que é que isso vai me interessar?” A decisão de *ficar*, de *permanecer* (que inverte a lógica do mito de Pasárgada, de Bandeira, para reencontrá-la num ponto mais adiante) implica o grau de abertura, de aceitação e de certeza frente à consciência de que existir é tarefa para *agora* e de que as coisas só podem *ser* verdadeiramente na medida em que estão entregues a si mesmas – movimento que não contradiz e antes reafirma o impulso do afastamento, restituindo o mundo ao eu desgarrado e sem origem:

GUERREIRO

Existe em mim um bárbaro guerreiro
Ousado ou dispersivo, não sei bem,
Que insiste em arriscar tudo o que tem
Num momento veloz e passageiro.

Sem procurar saber se me convém,
Gasto em frivolidades meu dinheiro,
Fico bebendo, fumo o tempo inteiro
E varo a madrugada olhando o além.

Esse jeito boêmio e sem juízo
Talvez não seja aquilo que eu preciso
Para me conduzir bem como gente.

Mas seja ou não o que mais me convenha,
E apesar de eu não ser papel nem lenha,
Um fogo me consome inteiramente.

As coisas podem falar ao poeta, com sua linguagem própria, seja aquela derivada do fascínio pelo ser feminino, seja a que o espaço (essa abstração que o poeta

denuncia nos versos de *O tempo e o espaço*, projetando tempo e espaço como entidades metafísicas vivas e destrutivas, um tanto ou quanto inapreensíveis ao pensamento humano) ao redor oferece à experiência imediata, seja aquela que vem marcada pelo sentimento de uma religiosidade quase beata (religiosidade que seria difícil dizer que o poeta trata com algo mais do que um sentimento de respeito moderado), ou mesmo, as coisas da província, enunciadas com o sentimento de simpatia de quem, apesar de tudo, conhece o significado do enraizamento no mundo. Tudo aponta para esse deixar ser que é, ao mesmo tempo, o único modo de ser verdadeiramente – aquele modo em que o vemos insistir tantas vezes, como numa afirmativa de que o *ser* não é só uma postulação do pensamento, mas uma verdade da alma que só quem vive mergulhado nela é capaz de fazer aflorar à superfície das palavras –, como se diz nas duas quadras de *O amor à província*:

Deitado ao pé da verde goiabeira,
Na paz do meu quintal provinciano,
Medito com orgulho soberano
Na imensidão da pátria brasileira.

Nas lindas avenidas de Paris,
Lindas ao menos de se ouvir falar,
Não quero por enquanto passear.
Acho melhor ficar no meu país.

O mundo vem ao poeta sem que seja necessário procurá-lo? Certas inversões de sentido, certas ambigüidades que se anunciam no seio da transparência – marca da poesia de Manta – parecem indicar que as relações do eu com a exterioridade jamais poderão circunscrever-se ao âmbito de um dizer pleno que enuncia a sua própria honestidade. Antes, são essas ambigüidades, incertezas e flutuações que fortalecem e revigoram o projeto. Sendo o desgarre aquilo que evoca o sopro noturno e que ao primeiro contato talvez não se perceba, mas que espregueira de todos os lados – sopro que dá e recolhe, que oferece o mundo como abertura, como afirmação de um imediato no qual se corre o risco de sufocar –, é também ao mesmo tempo aquilo que se patenteia como afirmação de uma liberdade jamais garantida, a qual cada poema, como um novo começo, deve afirmar em seu ponto de partida: “Possa eu morrer em paz, sereno e forte, / Sem nenhum medo diante da morte / E sem levar e sem deixar saudade”. Pode-se manter o passo firme diante da noite e da dissolução? Em certos momentos, uma tonalidade cinzenta ameaça invadir os poemas de Manta, como um contrapeso às afirmações do dia e do imediato: “E submerso num sonho sem sentido, / Entre as cinzas de um reino destruído, / Espero a cada dia o fim de tudo”. Poderíamos pensar que nesses pontos sua poética se trai e, negando o sonho, nega o próprio centro de onde emana, mas não seríamos exatos se não admitíssemos que – e seja o que for o sonho nessas passagens mais negras – nem a própria liberdade tem ali qualquer peso definitivo.

Operando, pois, num setor da sensibilidade que lhe impõe limites bastante definidos, a poética de Manta, aberta por isso mesmo aos riscos de sua decisão, pode dar voz ao que vem do fundo como um resíduo, ao que não é nem o mundo das realidades imediatas, nem aquilo que tenta superá-lo nos modos da imaginação e da fantasia. Chamamo-lo de inércia do ser, numa acepção positiva, que se manifesta no deixar ser que lhe é característico e cujo empenho, nessa poética, só pode ser o poema realizado. O vir do mundo, bloqueado pelas preocupações práticas da vida, por uma absorção no cotidiano que se estende como um véu sobre a consciência do homem absorvido, pode então falar e se converter em linguagem. É nesse movimento de dar voz e de calar, de trazer à luz e de perder que vamos encontrar o sentido da poesia de Affonso Manta. Nele é que descobriremos o seu momento de maior grandeza, mas também o seu mais obscuro sortilégio.

Referências

MANTA, A. **O retrato de um poeta**. [s.l.]: Ricardo Benedicts Editores, 1983.

MELO, J. I. V. de. Affonso Manta: o poeta encantado. **Iararana**, Salvador, v. 9, 2004.

OLIVEIRA, A. et. al. **Sete cantares de amigos**. Org. Miguel Carneiro. Salvador: Arpoador, Egba, 2003.

PARANHOS, M. da C. Affonso Manta. In: OLIVEIRA, A. et. al. **Sete cantares de amigos**. Org. Miguel Carneiro. Salvador: Arpoador, Egba, 2003.

_____. **Affonso Manta, poeta do lúcido delírio**. <http://www.secrel.com.br/jpoesia/mconceicao6.html>. Acesso em 19-8-2005.